

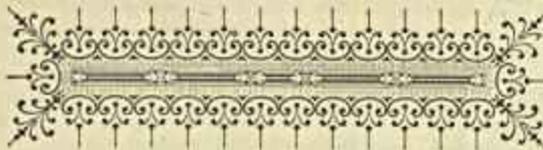
OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	14.º ANNO — VOLUME XIV — N.º 435 21 DE JANEIRO DE 1891	REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4 Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsável Caetano Alberto da Silva.
Portugal (franco de porte. m. forte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120		
Possessões ultramarinas (idem)..	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang.(união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



OCTAVIO FEUILLET — FALLECIDO EM 30 DE DEZEMBRO DE 1890
(Segundo uma photographia de Nadar)



CHRONICA OCCIDENTAL

Relacionam-se estreitamente com a Africa, — a grande e permanente preocupação que ha um tempo domina Portugal, e que deveria tel-o sempre dominado — os dois acontecimentos mais notáveis d'estes ultimos dez dias: — a chegada de Azevedo Coutinho e a partida da expedição para Moçambique.

Azevedo Coutinho, que não temos o prazer de conhecer pessoalmente, é um rapaz muito novo ainda, destemido e audaz, que um acto de valentia energica encheu de gloria em Chiloma.

O paiz que recebera com alvoroço e com entusiasmo a noticia d'esse acto, cuja audacia triumphante lhe recordou os feitos heroicos dos antigos portuguezes, que illustram as paginas mais gloriosas da nossa historia, fez a Azevedo Coutinho uma recepção brilhante, acolheu-o como a um triumphador, e essa recepção e esse acolhimento ao mesmo tempo que eram uma homenagem justissima ao valente marinheiro, foram uma affirmacão eloquente do patriotismo portuguez, do entusiasmo, da vitalidade que a questão africana despertou finalmente na grande alma nacional.

Esse entusiasmo, essa vitalidade demonstrou-se tambem d'uma maneira notavel e evidente na partida da expedição que vae para as terras da Africa não para conquistar novos territorios, mas para manter e defender as nossas velhas conquistas, que a ambição ingleza tão gravemente tem ameaçado.

A partida d'essa expedição foi um verdadeiro acontecimento patriótico e o Tejo apresentou n'esse dia um aspecto novo para nós, um aspecto desusado, que nos fez pensar nas discipções que as velhas chronicas fazem da partida das antigas expedições em que os portuguezes iam á conquista dos mares nunca d'antes navegados.

Foi um espectáculo magestoso, imponente, commovedor, esse que Lisboa presenciou no dia 15 e d'elle encontram os nossos leitores noticia minuciosa n'outro logar do OCCIDENTE: nós aqui apenas queremos registar esses dois acontecimentos tão nacionaes e tão brilhantes, que assignalam d'uma maneira notavel o mez de Janeiro de 1891 — esse mez que no anno findo foi tão dolorosamente assignalado na historia patria pelo ultrage do *ultimatum*: — a partida da expedição para a Africa, e a chegada do brilhante heroe do Chiloma João d'Azevedo Coutinho.

Esse terrivel mez de Janeiro de 1890 deixou-nos de si bem tristes e bem lugubres recordações e como que para provar a verdade indiscutivel de que uma desgraça nunca vem só, a desgraça do *ultimatum* coincidiu com outras duas desgraças, que por serem de genero differente não deixaram de enlutar tambem a patria, e enlutaram tristemente o nosso coração: — a morte de Francisco Palha e a morte de Julio Cesar Machado.

E juntaram-se quasi que no mesmo dia esses tres lugubres acontecimentos.

O *ultimatum* foi no dia 11, mas o publico só teve d'elle noticia no dia 12; um domingo radiante de sol, quando os jornaes da manhã publicaram a terrivel noticia.

Nós preocupados tristemente com a morte de Francisco Palha com a perda d'esse querido amigo e d'esse glorioso confrade, nem lêmos de manhã os jornaes e todo entregue á nossa dor fomos acompanhar á sua ultima morada o pobre Francisco Palha, a quem estremeciamos como a um irmão adorado.

Ao jantar, quando estavamos contando a um amigo intimo e grande medico, que jantava em nossa casa, os promeneiros da doença de Francisco Palha, que nos surpreendeu a todos com a morte, quando annunciava já a convalescença, entrou-nos pela porta dentro a *Tarde* com a mais inesperada e a mais assombrosa das noticias — a da tragedia medonha da Travessa do Moreira — a do suicidio profundamente dramático e mysterioso de Julio Cesar Machado, outro nosso estremitado amigo, outro nosso collega illustre, cuja gloria triumphante era uma das mais risonhas glorias da litteratura portugueza.

Ficámos como que fulminados pela noticia d'essa assustadora e imprevisada catastrophe.

E apenas acabámos de jantar sabimos á procura da explicação d'essa demora inexplicavel, d'informações mais intimas e mais precisas, do que aquellas que a *Tarde* dava.

Tinhamos camarote em S. Carlos.

Quando lá chegámos estava-se em meio do primeiro acto da opera — que era, se a memoria nos não falla — *A Estrella do Norte*.

Esperámos pelo intervallo para sabermos noticias, e apenas o panno cahiu sobre esse 1.º acto, descemos ao salão á procura de informações acerca da sinistra tragedia de que fôra auctor e protagonista ao mesmo tempo o alegre Julio Cesar Machado, o brilhante folhetinista, que tanto alegrára as letras portuguezas com o seu espirito tão original, tão espontaneo, tão caracteristico.

Quando chegámos ao salão havia n'elle uma agitação desusada. Aproximamo-nos de varios grupos com a nossa pergunta engatilhada, pensando que toda aquella gente que fallava e que discutia com tão anormal vivacidade, fallava da tragedia que nos preocupava a nós.

E com grande espanto vimos que ninguem fallava n'isso! Era outro o assumpto de todas as conversações, era outra a preocupação que dominava todos os espiritos.

Esse assumpto, essa preocupação era o *ultimatum* de lord Salisbury e as manifestações que corriam as ruas.

O que era aquillo?

Para nós que n'esse dia não tinhamos lido os jornaes, que ha uma semana preocupados com a doença de Francisco Palha, não tinhamos pensado n'outra coisa, era uma completa novidade o *ultimatum*.

E quando nos principiaram a contar o que era, entrou pelo theatro dentro uma grande onda de gente dando vivas á Patria, morras ao governo e morras á Inglaterra!

E foi assim que para nós esses dois tristissimos acontecimentos — o *ultimatum* e o suicidio de Julio Cesar Machado, se juntaram no mesmo dia d'outro acontecimento profundamente doloroso — o enterro de Francisco Palha — no terrivel dia 12 de janeiro.

Os artistas do theatro da Trindade, theatro de que Francisco Palha foi o iniciador e director, artistas de quem elle foi durante toda a sua vida o amigo disvelado commemoraram o primeiro anniversario da morte do seu illustre e chorado empresario, com umas exequias solemnes na igreja do Loreto, exequias que foram muito concorridas e que tiveram uma imponencia e ao mesmo tempo um aspecto profundamente commovedor, que em raras exequias temos visto e que prova quanto Francisco Palha era justamente querido, quanto a sua memoria é estremecida por todos, quanto a sua falta é por todos sentida, hoje como no primeiro dia.

O templo estava todo armado de lucto, mas não era só nos crepes que ornavam o magestoso catafalco, e que pendiam á porta da igreja que havia o lucto: havia o no rosto de todos que assistiam a essa piedosa cerimonia, havia-o nas lagrimas que vimos em muitos olhos.

Sobre a eça, via-se, coroado pela gloria, um magnifico retrato de Francisco Palha, que pela sua extraordinaria parecença produzia uma impressão enorme.

As exequias assistiram alem da ex.^{ma} familia de Francisco Palha, todos os actores, actrizes e pessoal do theatro da Trindade, muitos homens de letras, funcionarios publicos, amigos intimos do chorado morto, que encheram completamente o templo.

Francisco Palha era bem digno e bem merecedor d'esta imponente homenagem de sympathia e de respeito á sua querida memoria, d'essa notabilissima manifestação de duradoura saudade pela sua irreparavel perda.

E decorrido um anno, nós com o mesmo sentimento profundo com que viemos aqui no dia da sua morte, prestar o nosso preito ao grande litterato, que as letras portuguezas perdiam e ao grande amigo que a morte nos levava para o tumulo, vimos hoje commemorar o primeiro anniversario de Francisco Palha, depôr uma humilde saudade sobre a sua cova.

BULHÃO PATO

(Continuado do n.º 434)

Dois homens de superior engenho escreveram demoradamente da *Paqueta*: Alexandre Herculano e Rebelo da Silva. Ambos nos disseram que o poema immortal do poeta — era a sequencia dos poemas romances, que illustraram a Italia, desde os *Orlandos* de Boiardo e do divino Ariosto até o *Ricciardetto* de Fortiguerra. Assim, que pertence a essa escola italiana, que sabia bordar o matiz da vida real com suprema verdade na tela das creações mais phantasticas, — rindo e chorando no mesmo canto e até na mesma estrophe, antes que Shakspeare risse e chorasse no mesmo acto. N'elle se encontram, consoante Rebelo da Silva — vislumbres, recordações, por certo, da musa independente, estouvada, vagabunda de Musset, o gume frio e cortante da ironia mordaz da alma inconsolavel de Byron, e a sombria interpretação del *Diablo Mundo* de Espronceda.

Com effeito: o seculo XVI, a que pertencem os poemas citados por A. Herculano, e tambem os que trouxe para a sua critica o illustre Rebelo da Silva, — produziu e ficou celebrado em composições poeticas, exuberantes de paixão, devaneio e ironia; o que tudo era o resfolegar alegre, expansivo e truanesco do seculo, que saia das dôres apertadas e cruciantes da meia-idade. Era a epocha d'esta feição em todas as suas obras de maravilha, que, pelo serem, formaram o cyclo extraordinario da *renascença*. Quem se não lembra ainda n'esta hora d'aquelle divino *Corregio*, que, accedendo aos rogos, talvez mesmo ás instancias de uma espirituosa e interessante abbadessa, Joanna, filha de Marco de Piacenza, fidalgo de Parma, lhe pintou no convento de S. Paulo, que ella dirigia, e na propria alcova d'aquella mulher formosa, alguns frescos da mythologia pagã, cujo olympo a renascença ia trazendo a lume? Quem se não lembra d'elle ao fallar do seculo XVI, e mais tambem d'aquelles directores espirituos e temporaes das differentes comunidades monasticas, que mandaram, de sua custa, pintar oratorios mythologicos, alegres estancias, risonhos quadros decameronicos, onde elles, abbades e abbadessas, furtando-se a cuidados e a jejuns, aligeiravam o tempo, paucendo olhos e espirito na contemplação de scenas, em que voluptuarias imagens, harmoniosas na pureza das linhas, os consolavam de suas tradições asceticas, que lhes eram prescriptas pelos dogmas austeros do Crucificado? Quem se não lembra? E de que o breviario d'elles e d'ellas era um Ovidio, o bom Virgilio, ou o risonho Homero; e que o seu rosario, em vez de contas, se compunha de medalhas antigas? Os poemas de então, taes os que cita Herculano e Rebelo da Silva, todos traçados e concluidos n'este accordar do seculo para os prazeres humanos, e gulosos d'elles, como quem nutre ainda receios e médos pela sombra austera do claustro — todos, é certo, riem e choram na mesma estrophe, e dos mysticos abandonos se prazem na cor, no sol, nas graças da formosura, que ali, n'esses poemas corre riscos grandes e aventureiros amores, que o seculo, farto do padecer medieval, agradece como um regresso á boa mãe natureza, de onde não ha fugir, sem nevrose ou doença grande, — a que, escriptores e pintores, deram remedio em suas telas e poemas!

Certamente assim foi: e tudo isso se encontra n'aquellas paginas dos cantos da *Paqueta*, onde a *consuleza* vae á missa e canta malagueñas! Mas,

* Por ser de subido preço, aqui transcrevemos a malagueña cantada por uma das heroínas do poema:

Quando salo de tarde, e a fresca aragem
Me dá na roupa,
Sou como a barquinha á vella
Que vae seguindo a viagem
De vento em pópa

Depois, se o vento,
Ao voltar subito a esquina,
Vem mais violento,
Quem passa e vê
Baixinho me diz: — «Menina,
Que lindo pé!»

Córada sigo;
Nem sequer olhos levanto
Para ninguem;
E, quando vem
O vento mais sacudido,
Prendo e reprendo o vestido;

Mas sempre alguém
Me diz que vê
Distinctamente o péshino...
Quando não é
As vezes um bocadinho...
Além do pé!...

EXPEDIÇÃO MILITAR A MOÇAMBIQUE



O CORONEL MANUEL D'AZEVEDO COUTINHO
Commandante da Expedição



O CAPITÃO RENATO BAPTISTA
Commandante das forças de engenharia



O CAPITÃO PEREIRA D'EÇA
Commandante das forças d'artilheria



O CAPITÃO JOSÉ LUIZ CALDAS
Commandante da secção de artilheria de montanha

lange, conduzindo milhares de pessoas que acompanhavam ao bota fóra os expedicionarios.

Quando pelas 3 horas da tarde o *Malange* se pôz em marcha, um numeroso cortejo naval o acompanhou até á barra, composto da canhoneira *Limpopo* conduzindo o sr. Antonio Ennes ministro da marinha, commandante geral da armada com o seu estado de ajudantes e mais officiaes e a charanga dos marinheiros; o *Lidador* em que ia o sr.

superintendente do Arsenal e mais officiaes de marinha; o *Victoria* com a Sociedade de Geographia e imprensa; o *Conductor* com a Sociedade da Cruz Vermelha; o *D. Amelia* com socios da Liga Liberal; o *Guadiana*, o *Progresso*, o *Lusitania* e outros com muitas pessoas em que as damas tomavam boa parte.

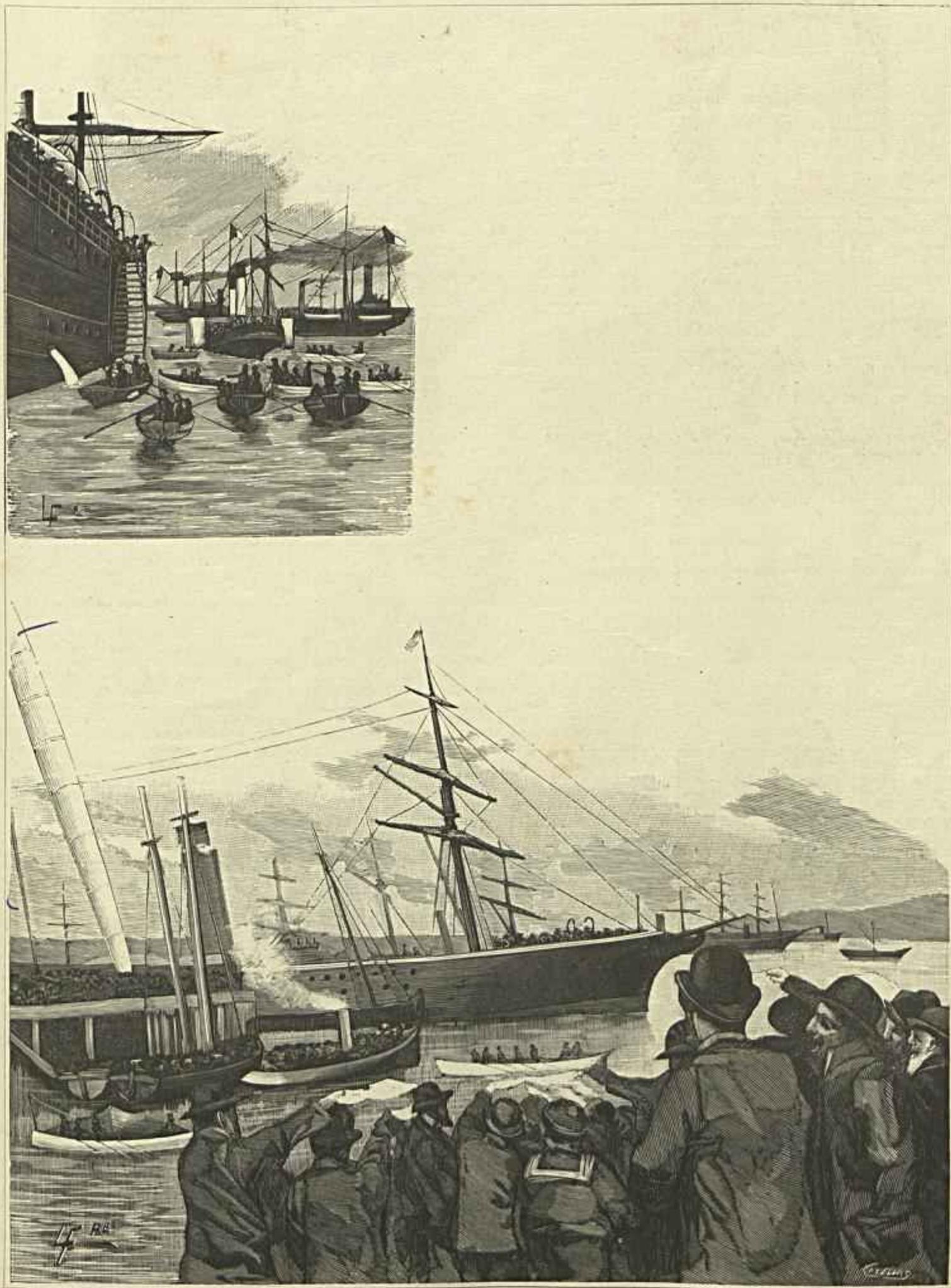
O vapor *Victoria* foi o que mais se aproximou do *Malange*, e de seu bordo foi uma deputação

da Sociedade de Geographia dar a boa partida á expedição, na pessoa do seu commandante o coronel Manuel d'Azevedo Coutinho.

Então o sr. general Cunha, presidente da Sociedade dirigiu-se ao commandante da expedição nos seguintes termos:

«Commandante.
«Na pessoa de v. ex.» a Sociedade de Geogra-

EXPEDIÇÃO MILITAR A MOÇAMBIQUE



EMBARQUE DA EXPEDIÇÃO — 15 DE JANEIRO DE 1891
(Desenho de L. Freire)

phia abraça o corpo expedicionario a Moçambique, e reitera com a homenagem da sua solidiedade nacional, os votos que faz, e que são, certamente, os que mais se conformam com a consciencia e com a vontade do soldado portuguez, de que elle possa bem merecer da patria.

«Partis á voz do Dever e da Honra.

«Em vós a Força é Direito, porque com vós vai a justiça e a razão d'um povo honrado, que não trahe a civilização pela cubica, e a causa santa da redempção africana pela mentira e pela extorção da Aventura Flibusteira.

«Representaes a Legalidade armada, a Paz com honra, a Lealdade com força para ser mantida e para ser respeitada.

«Assim vos comprehendemos e assim vos abraçamos, certos de que, na volta, poderemos, como agora, dizer-vos: - Viva o Corpo Expedicionario a Moçambique!»

A esta allocução respondeu o sr. Azevedo Coutinho agradecendo commovido aquella manifestação da Sociedade de Geographia e declarando os altos sentimentos patrioticos que o animavam a elle e a todos os expedicionarios para bem servirem a patria.

Eguaes manifestações tambem foram feitas pelos estudantes e pela imprensa e durante toda a viagem até a barra um côro de saudações acompanhou o *Malange*, como outros tantos applausos da patria a animar os que por ella d'ella se apartavam para irem defender longes plainos portuguezes.

A officialidade que seguiu n'esta parte da expedição é a seguinte:

Coronel commandante, Azevedo Coutinho; adjuntos ao commando, capitães Sousa Machado e Fausto Guedes, todos de infantaria; ajudante, D. Jorge de Mello, tenente de cavallaria.

De engenharia: capitão, Renato Baptista; tenente, Veiga da Cunha, alferes, Rodrigues Nogueira e Alvares.

De artilheria de guarnição: capitão Pereira d'Eça; primeiros tenentes, Pereira da Cunha, Vieira da Rocha e Sousa Miranda.

De artilheria de montanha: capitão, Caldas; primeiros tenentes, Cabral Sacadura, Martins de Azevedo e Baptista Coelho; veterinario, Frederico Silveira; tenente almoxarife, Henrique dos Reis.

Facultativos navaes: Rolão Preto (chefe do serviço medico), Leopoldino Gonçalves, Castiço Loureiro e Rodrigues Braga.

Pharmaceutico, Corêa de Mesquita.

Administração militar: capitão sem prejuizo, Palermo de Oliveira; tenente, Sousa Caldas; alferes, Manuel Mauricio e Philippe da Veiga; tenente, Julio Borges, e alferes Silva Cruz, de infantaria, commandantes das secções de quartéis. Ao todo, 29 officiaes.

Juntamos aqui algumas notas biographicas dos commandantes das diferentes secções para acompanhar os seus retratos que publicamos a paginas 20.

MANUEL DE AZEVEDO COUTINHO, coronel commandante da expedição é um official com longo tirocinio no continente e no ultramar.

Pertence a uma illustre familia que tem dado valorosos defensores á patria, tanto no exercito de terra como na armada, contando actualmente tres distinctos officiaes na marinha, um que está em Africa, outro, o sr. Pedro de Azevedo Coutinho, commandante da canhoneira *Limpopo* em viagem para Moçambique, e João de Azevedo Coutinho o heroe do Chire ha pouco chegado a Lisboa.

Manuel d'Azevedo Coutinho foi alumno do collegio militar e depois da escola do exercito onde seguiu o curso de infantaria.

Uma das suas primeiras commissões mais importantes, foi em Macau, onde o governador sr. José Horta o nomeou commandante da artilheria d'aquella possessão e material de guerra.

Com a sua energia e bravura ajudou a dominar a sublevação da tropa que ali houve, sendo coronel o sr. Almeida Barbosa.

Por este relevante serviço propôz o governador de Macau ao governo da metropole, para que fosse dada alguma recompensa honorifica ao coronel Almeida Barbosa e ao capitão Azevedo Coutinho, o governo, porém só premiou Almeida Barbosa e esqueceu-se de Azevedo Coutinho, cuja modestia lhe não permittio reclamar contra este esquecimento.

Cooperou intelligentemente com o sr. conde de S. Januario, quando governador de Macau,

na escolha de armamento e artilheria para defeza da mesma possessão, dirigindo tambem a montagem das peças, o que apresentava difficuldade por ser pouco conhecido ainda o systema das mesmas e não ser elle official d'aquella arma.

Entretanto o modo como se desempenhou valeu-lhe o elogio official.

Este illustre militar prestou tambem serviço na India e nos Açores, e é no posto de coronel commandante de infantaria n.º 1, que foi para Africa commandando a Expedição militar a Moçambique.

JOAQUIM RENATO DESCARTES BAPTISTA capião de engenharia e commandante do contingente d'esta arma é um dos mais illustres officiaes do exercito precedido de um curso brilhante, que desde o principio da sua carreira militar o indigitou para commissões importantes.

Nasceu em Lisboa a 5 de outubro de 1855 e sentou praça em caçadores n.º 2 em 29 de julho de 1873, sendo promovido a alferes alumno de artilheria em 19 de agosto de 1874, segundo os postos até o de capitão de engenharia, em que foi despachado a 30 de outubro de 1884.

Entre as suas commissões mais importantes encontramos a da direcção das obras do parque de engenharia em Tancos; direcção das obras do quartel de artilheria n.º 4 em Santa Clara; e a de ajudante da escola pratica de Tancos; e a de ajudante de campo do general commandante de engenharia, desempenhando ainda com esta commissão a de estudar o plano de reconstrução do quartel de engenharia e a de fazer o regulamento de instrucção das tropas da sua arma.

Em 1886 foi a França commissionado pelo governo para estudar os ultimos progressos da arma de engenharia, e d'esta commissão deu conta em desenvolvido relatório.

Em 1889 nomeado vogal da commissão encarregada de apresentar os projectos para quartéis typos do exercito.

Ultimamente foi nomeado lente substituto de uma das cadeiras de construcção da Escola do Exercito, logar que não chegou a desempenhar por ter sido suspensa a lei de reforma d'esta escola.

É sob a sua direcção que desde 1882, se publica a excellente *Revista das Sciencias Militares* sendo um dos mais assiduos collaboradores d'esta publicação, com varios estudos muito apreciados.

As bellas lettras tambem lhe tem merecido culto e entre os seus trabalhos litterarios mencionaremos uma traducção para francez da *Morgadilha de Valfior* de Pinheiro Chagas.

São estas as principaes notas da sua vida que socintamente escrevemos e a que apenas nos falta acrescentar as distincções officiaes que lhe tem sido conferidas pelos seus bons serviços.

São ellas o habito de Christo e de S. Thiago, medalha de prata de comportamento exemplar, e o grau de Cavalleiro da Legião de Honra.

ANTONIO JULIO DA COSTA PEREIRA D'EÇA capitão de artilheria, pertence a uma familia distincta e sentou praça em artilheria a 22 de julho de 1869, tendo 17 annos de idade.

Foi estudante do Collegio Militar e concluiu depois o curso da sua arma com muita distincção.

Tendo feito mais serviço de fileira que de secretaria conhece perfeitamente aquelle serviço, tendo-se desempenhado sempre com distincção de outras commissões que lhe tem sido encarregadas.

Em 1879 era tenente e em 1884 elevado ao posto de capitão para artilheria n.º 4.

A sua illustração e provados conhecimentos superiores da sua arma, indicaram-o naturalmente para a importante commissão de serviço que foi agora chamado a desempenhar.

JOSÉ LUIZ CALDAS capitão de artilheria sentou praça em 5 de julho de 1877 tendo 27 annos de idade.

Em 1880 foi promovido a 2.º tenente e em 1882 a 1.º tenente. Em 16 de fevereiro de 1887 promovido a capitão, posto em que vai commandando a bateria de artilheria de montanha.

É um distincto official da sua arma e é esta a commissão mais importante de que é encarregado.

ILLUSÃO OPTICA

As illusões opticas fornecem uma grande variedade de phenomenos divertidissimos tal como o que hoje apresentamos aos nossos leitores.

Veja-se a figura 1 representada por uma tira de papel pintada n'um tom graduado d'esde o

preto até ao branco, a qual deverá ser collocada n'uma distancia não inferior a 3 metros da vista do espectador. Essa tira immediatamente apresentará á vista a forma de um cone truncado e para reconhecer esta illusão optica se collocará sobre uma outra tira um pouco mais larga, pintada do mesmo modo mas collocada inversamente e logo se reconhecerá que a tira não é senão um rectangulo alongado.

NOTAS DA CAPITAL

II

UM CEGO

Quando entrei na igreja, o sol afundira-se n'um empastamento humido de nuvens negras. Espalhara-se momentaneamente uma obscuridade densa que pesava a comprimir o ar, carcioso como uma dissolução de velludo pardo.

As pedras das ruas pareciam sobressair mais, em branco, da côr sombria da terra, que as calçava, como se aquella luctuosidade etherea lhes pozesse novos reflexos nos crystaes bassados pela fricção do movimento populoso que ia esmorecendo, aos poucos, talvez illudido pela crepusculisação extemporanea do dia.

No perystillo da igreja, um cego estendia a mão descarnada e tremula, de veias salientes, a pelle laivada de amarello, os dedos curvos a completar a concavidade palmar, e as unhas negras, compridas, asselvajando-a em aspectos de garra.

Olhei-lhe para a frente. Era um velho de grandes barbas brancas, estendidas ao longo do peito abtido. A cabelleira branca, enovelando-se em redor do craneo até ao pescoco, deixava-lhe quasi a nu a parte superior da cabeça onde tremiam subtilmente, n'um vermelho espeloso da calva, um pequeno numero de fios brancos. Não era magro, e a sua testa larga, amplissima, cortada de rugas, tinha alguma coisa de superior, que me impressionou.

E por mais de um momento fiquei a olhar aquelle velho que revolvia o olhar inexpressivo, convulsamente, nas orbitas dilatadas talvez por um esforço louco de conhecer distinctamente tudo o que havia perto, tudo o que todos viam.

Lancei-lhe uma moeda sobre a mão ordinalmente estendida que se não moveu, conservando impassivelmente a mesma posição, não servindo talvez o contacto d'aquelle dinheiro que acompanhava lentamente o tremulo agitante dos seus membros.

Oh, mas elle sentira tudo, porque agora os seus dedos crispavam-se no disco do metal, tacteando-o machinalmente, de rosto inalteravel, immovel, como se aquella mão pertencesse e um outro corpo, como se aquella physionomia houvesse congelado a um bafejo rapido de um passado recordativo...

Porque eu adivinhava tudo o que se passava n'aquelle cerebro, via todo o vôo rapido da sua mocidade estridorosa por sobre paysagens de ideaes que a primeira invernia ensopou em lodo; via tudo, porque tudo na sua physionomia tinha letras fulvas que eu só lia, illuminado não sei porque impressão febril, agridoce, que me fazia sentir com elle, que me fazia imitar-lhe os movimentos, porque eu quedava-me absorto, tambem de mão estendida, como se estivesse ainda a entregar-lhe a esmola.

E quanto mais o fitava, mais me sentia attraído para elle, como se o conhecesse de ha muito...

E foi depois de um longo silencio, que o cego, alongando um olhar indifferente no vacuo, murmurou:

— Obrigado!

Entre a igreja, deserta quasi. O escuro tenebroso das abobadas, lá no alto, tinha murmurações de psalmodias extranhas ao fulgor amarelento das velas dos altares. Tres vultos isolavam-se no pavimento, joelhos no chão, os rostos cobertos, como todo o corpo, de um negro de veus, onde apenas as mãos, segurando o livro de orações, punham uma nota viva de branco. Subi silenciosamente a nave da igreja onde o clarão do dia triste quasi não penetrava.

N'uma tela biblica, onde incidia fracamente a luz de uma lampada, pareceu-me ver ainda a physionomia do velho cego... E, caso singular, aquelle retrato trouxe-me á memoria um outro que eu vi, em creança, na tristeza pesada de um salão medievo, longe, n'um sitio onde ficava a luminosidade de um bello passado.

E então pensei também que esse velho seria um espectro que se consubstanciava no retrato que eu agora entrevia nitidamente, pela nesga que o meu espirito abria n'um ceu longiuo de infancia; um espectro que me seguia para ver na creança que outr'ora o temia chamando-lhe avô, a formação lenta do homem; fazendo-se mendigo para sondar toda a profundidade luminosa da minha alma; duplicando-se na tela da igreja para ver com os olhos de panno pintado, os meus menores movimentos, a minha sinceridade de oblação...

Estava certo que aquelles olhos sem expressão, quasi indivisiveis á luz frouxa da lampada, se me obrigariam a respeitar a sua velha crença, se eu risse das imagens sacras; me obrigariam a dobrar os joelhos, se eu fosse um agnycrito rude, intransigente e forte — Eram, com certeza, o desdobramento de um só espectro — o cego, e o velho da tela biblica...

Eu sentia-o bem. Lembrava-me absolutamente que o velho retrato do meu avô, tinha aquelle olhar laminado no mesmo aço da espada que esgrimira; aquelle olhar de tela, frio e inexpressivo, mas com toda a rutilação epica de um astro que se apaga deixando sempre um crepusculo radioso e immortall...

Fóra chovia. Nos vitraes da igreja, gottas de chuva abriam traços de transparencia humida no fundo embaciado dos vidros.

Pela porta, ao fundo, entrava uma corrente de ar frio que agitava de brando, as sedas dos altares e a chamma dos candelabros. A igreja obscurecia quasi totalmente, e a luz que n'ella havia, aprofundando-se na treva das grandes architecturas petrificadas em negro, parecia apenas umas notuolhas vacillantes de amarello vivido. Estava lugubre, aquillo. Pairava ali alguma coisa de mysterioso soturno, como se uma noite enorme de inverno, enorme e obscurissima, fosse enforada inteiramente, compactamente, igual a uma massa de breu, entre aquellas paredes gigantes, em aquelle vacuo cortado de somnolentas arcarias.

De subito uns passos desiguaes e pesados soaram no lagedo da igreja. Olhei persistentemente o fundo, e um vulto negro, vacillante, esfumava-se na dubia claridade que vinha da porta.

Julguei reconhecer o velho mendigo, o cego do perystillo, e machinalmente o meu olhar dirigiu-se para a tella biblica: — queria ver as duas formas do aspecto face a face! — A luz da lampada que illuminava a tella, apagava-se n'aquelle momento, com a lentidão frouxa de um gemido que se sufoca, e eu não pude já ver o velho biblico.

Esta nota coincidente, impressionou-me, e tive então como certa, aquella visão espectral do retrato de familia. Pensava ainda n'isto, quando uma mão se pousou, tremula, como tacteando, sobre um dos meus braços...

Voltei-me; era o cego, que caminhando ao longo da parede a que eu me encostara, havia topado no meu corpo. Não fallou nem pareceu impressionar-se; tirou a mão do meu braço, e ficando um momento immovel, isolado, como naufragado n'aquelle Vago, dobrou lentamente as pernas e ajoelhou.

Fóra era noite. Continuava a chuva. Pelos vitraes entravam, de quando em quando, brilhos rapidos de relampagos. Adivinhava-se uma treva enorme na mudez que rodeava a igreja. Eu, que ajoelhara também ao lado do cego, automatamente, procurava escutar-lhe as orações com avidez febril, e repetia todos os monosyllabos incoherentes que a minha audição apurava.

De subito um relampago vivissimo, demorado, illuminou todo o templo, e eu, repetindo ainda as ultimas palavras do cego, vi o velho da tella biblica a sorrir-me pavorosamente, mysteriosamente...

D. João de Castro.

HISTORIA DO CERCO DE DIU

POR LOPO DE SOUSA COUTINHO

(Continuado do numero 434)

II

Na margem do folio 67 do exemplar d'esta *Historia do Cerco de Diu*, hoje pertencente á Bibliotheca Nacional de Lisboa, um dos seus antigos possuidores, de cujas mãos elle passou ás do conhecido bibliophilo Thomaz Norton e d'ahi veio a figurar nas estantes da Bibliotheca, Rodri-

go da Fonseca Magalhães, escreveu as seguintes interessantes palavras, confissão contrita de peccado, de que também elle sabia que o podiam accusar as gerações futuras. Eil-as:

— « Lopo escreveu, e, quando ferido, notou o que havia de escrever, e nós, os defensores da cidade do Porto, gastamos os annos, os mezes, os dias e as horas em miseraveis politicas, e os nossos vindoiros ficarão sem saber o que fizemos pela liberdade do nosso paiz! »

Estas palavras, tão verdadeiras como tristes, disse-as o celebre estadista no plural, e desde 1834, fim das lutas a que elle se refere, até hoje, poucos, rarissimos dos corypheus da grande revolução liberal, podem inscrever o seu nome, protestando contra a terrivel accusação do criminoso silencio, que guardaram sobre a sua vida e feitos durante esse agitado, tormentoso e sanguinolento periodo. E não só sobre elles peza essa responsabilidade, recae, talvez mais tremenda, sobre os seus herdeiros, hoje illustres por esses, que lhes legaram, a uns o nome aureolado pela corôa vermelha dos martyres do cadafalso e da fogueira, a outros resplendente com o nimbo das victorias, a outros, finalmente, com a fortuna e a opulencia nova, não herdada dos antepassados.

Que nunca tivemos, que nunca cultivámos o genero narrativo das *Memorias*, tão abundante, tão curioso e interessante, na litteratura franceza, tão caracteristico e de tanto auxilio para os que escrevem e estudam a sua historia, é certo; — que ninguem pode obrigar o estadista, o general, o tribuno, o jornalista, a pezada e grave tarefa de escrever, para os vindoiros, a historia do seu tempo e do papel que n'elle representou, quando o espirito cançado, o coração ferido pelos embates das paixões tumultuosas, mais aneia, ás vezes, esquecer esses dias, essas luctas, esses desastres, e até mesmo as proprias victorias, ganhas com crueis sacrificios, também é innegavel, — mas ha sempre umas memorias que ficam, uma obra que se escreve folha a folha, dia a dia — é a correspondencia, e essa releva na verdade a todas as *Memorias*, porque n'esses documentos surprehende-se a vida, o sentimento, vê-se a mão serena ou convulsa que os escreveu, o affecto, o interesse que os dictou. O que nas *Memorias* é calculado, meditado a frio, foi espontaneo e do primeiro jacto na carta escripta para o momento e que nunca, por mais cauteloso que seja o espirito, poderá ter as guardas, os reparos, as reservas e os desvios, com que, no silencio do gabinete, isolado do presente e com os olhos no futuro, escrevem as suas confidencias os grandes homens. Têm as *Memorias* maior interesse dramatico, costeiam mais de perto a historia; mas, por isso que são mais feitas, tem mais arte e também mais artificio; as cartas não, que são apenas a substituição da palavra, e foi a epistola, a missiva, aonde não pode ir o homem.

Que immensa luz derramaria sobre a historia moderna do nosso paiz a correspondencia de Fernandes Thomaz, de Mousinho da Silveira, de Passos Manoel, do duque de Saldanha, do marquez de Thomar, de Joaquim Antonio d'Aguiar, de Rodrigo da Fonseca Magalhães, de José Estevão, n'uma palavra, dos vultos mais notaveis da politica e da guerra desde 1820 até aos nossos dias, sem esquecer as dos heroes das lettras, a correspondencia de Garrett, de Herculano e de Castiho, onde elles trataram das altas questões litterarias ou dos grandes interesses da sociedade contemporanea! Quantas lições ahí se nos deparariam de bem sentir, de bem pensar e de bem escrever, que tão necessarias são todas ellas n'estes anarchicos e desvairados tempos, que vão correndo!

(Continda)

Zacharias d'Aça.

SCENAS BURGUEZAS

IV

UM JANTAR BURGUEZ

(Continuado do numero 434)

Hesitava em ir ter com o Mario, ou em acompanhar as senhoras e o tio Florencio que lá lhes tornava a digestão agradável com os seus ditos. Mas sentia pruridos de expansividade n'um largo aneio de confidencias a pessoa amiga, ao Mario principalmente. Além d'isso, Anna de Athayde, tomara de tal modo a primasia na discussão, ao café, que ella Ema, a sua verdadeira, unica amiga de Mario pensava, mal tivera tempo para o ver

quanto mais para lhe fallar. Tinha velleidades de lhe dizer muita cousa, tudo talvez.

— ... tudo! não ...

E sorria tomavam-n'a tentações... e revoltava-se contra o que sentia... tinha-lhe zanga...

— Pobre Mario!

Para que havia de estar a responder, a fallar com tanto calor com uma mulher que decerto o não apreciava, que o não saberia estimar, como a Ema. Sim, ella gostava d'elle, mas como irmão.

E levava á testa as mãosinhas, n'um movimento sacudido, como para affastar algum pensamento que a contrariasse.

De repente toma uma resolução; n'um passo apressado dirige-se para a janella em que estava Mario Guerreiro.

— Mal sabes tu em que eu estava a pensar agora? Responde a uma pergunta *mental* — sim ou não?

Elle affastou-se, surprezo, da janella, olhou distraido para a cadeira em que estava sentado o conselheiro Simões que entretinha um cavaco intimo muito papagueado com a Gina, e começou a fitar a Ema n'um tom apprehensivo, quasi serio; depois entre benevolente e triste, simulando um bocejo, respondeu sorrindo:

— Por certo que não.

Tomou-lhe com meiguice paternal as mãos e puchou-a para si levando-a para a janella.

Ema murmurou confusa:

— Tolices, era tolices, não faças caso.

Lá fóra a tarde continuava n'uma transparencia suavemente fumada, muito clara; ao longe o Tejo, o soberano da Europa favorecido pelos poetas, faiscava na sua superficie myriades de luzinhas brandas; o Azul da abobada ideal ia desbotando, e, exactamente defronte da janella onde se achava o Guerreiro, *stratus* côr de roza esbatiem em branco-leite, alongando-se em farrapos para o oeste, espalhando na casa uma claridade estranha!

A Emasita fóra á salla levar a pequenita Gina, porque o conselheiro fóra vêr, ouvir, *estas queridas senhoras*, como elle dizia.

Mario estava só. Pensava que lhe chamavam orgulhoso, que até diziam:

— É muito altivo; nunca ha de ser nada. Quem é pobre não tem orgulhos.

Vivia só. Não tinha pae nem mãe; nem as santas caricias d'esta, nem os conselhos d'aquelle. Não tinha mãe...

Esse alguém que prefere ao namorado cantar das aves minha rude voz...

como disse o nosso saudoso Gonçalves Crespo.

N'um grande abandono de si mesmo, sem odiar ninguem era indifferente a tudo. Só aquella creança acordaria n'elle um sentimento de respeitosa admiración em que havia o mysticismo d'esse adoravel amor que só as mães inspiram aos filhos. Amava muito a Ema, é certo, mas não via n'ella a Mulher, amava-a muito porque pensava vêr na Ema a alma de sua propria mãe.

— Como é bom ter um ente que nos conheça e ame...

De repente, um sópro leve perfumado como o halito das mães, perpassou-lhe na nucca... e sentio sobre as palpebras o pezo brando de mãos frescas, macias, pequeninas; e pelas narinas penetrava-lhe o *odor di femina*, um composto de rendas, carnes brandas, sedas e bretanhas...

— Bem sei... é a martyrsinha pelo muito que quer a todos, murmurou elle n'um fremito jubilo que lhe correu toda a medula.

— Adivinhou...

Era a Ema; ella gostava, ás vezes de o tratar por *senhor* para o que aproveitava uma seriedade muito comica.

— Esperei que todos estivessem entretidos, para fallar contigo; disse Ema, descendo as palpebras sob a radiação da luz que colloria as nuvens côr de fogo, insustentavel! Chegara-se muito a elle hombro com hombro.

Mario observava-a com muito interesse, acostumara-se á ideia de não tornar a vê-la, assim, tão viva, depois da pavorosa doença a que assistira.

...E ella talvez impressionada pelo que vira entre Anna de Athayde e Mario, começou, sem indicar nomes, contando uma serie de ingratidões que praticavam, de injustiças que commettiam para com ella, as amigas, os parentes.

E, de pé, muito direita, em grande animação de rosto, com os dentinhos cerrados, levantava a cabeça, e, estendia os braços, n'um esticção nervoso:

— Ai! credo! não imaginas! tomara que não me caustiquem mais! exclamava contra tudo que a fazia padecer.

Sentaram-se...

Elle muito apprehensivo, affectando não ouvir a voz de Anna de Athayde que dizia na sala contigua:

— Não digam isso, Mario só gosta da mulher porque ella e... creança!

Ella tocava os seus joelhos nos d'elle, descansava-lhe no hombros as mãos. Puzera na voz um tom mal accordado que depois se definiu n'uma grande energia.

— Não me comprehendem. Só tu é que me conheces! Tu é que me conheces bem! — affirmava na sua insistencia de incomprehendida, e largando-lhe os hombros tomava-lhe as mãos nervosamente para as collocar no regaço; e desenvolvia uma grande locacidade contando factos, lembrando circumstancias, adduzindo particularidades; fitando-o umas vezes muito zangada, outras triste, sempre muito harmonica, implorando a approvação d'elle:

— Não é verdade Mario? — tu é que sabes como foi...

Elle muito condescendente meneava a cabeça, n'um gesto pesado, e resolvia:

— Minha querida, és mesmo uma martyr!

Ella baixava os olhos como não se achando merecedora, murmurava abanando a cabeça:

— Não me conhecem, não me conhecem...

D'um modo penetrante apertava muito as mãos de Mario, e recuando os cantinhos da bocca revellava um grande desgosto da vida assim mostrava na face avelludada duas tentadoras covitas, os olhos muito escuros e curiosos, cerravam-se, como que resignadamente esperando uma catastrophe inevitavel; a testa purissima muito liza, illuminava-se pelos cambiantes dos cabellos n'ella revoltas, dourados pela luz de tons vermelhos que o sol punha no cair da tarde.

Havia uma quietação, na verdura dos campos e na athmosphera, que mais approximava o espirito de Mario do de Ema.

Ella sentia as mãos d'elle penetrarem com um calor picante a epiderme das suas; e, começava de sentir-se hypnotisada, por certa lassidão; estendia os pesinhos muito juntos mostrando-os, — inadvertidamente; — então tornava muito saliente, sob o vestido *brown* de guarnições pretas d'uma simplicidade ingleza, toda a esculptura do seu delicioso corpo de mulher-creança.

Mario estava n'esse momento singular, em que parecemos viver da vida d'outro ente pela certeza que temos de ser o nosso gozo, apenas uma reflexão do que aquelle goza... E, pela mente perpassavam-lhe ideias diabólicas; parecia-lhe impossivel ainda, vê-la assim, tão viva; sentia-se quente, vigoroso.

Estavam sós, finalmente. N'ella uma grande confiança por elle; e no Mario o desejo natural, indomavel, principiava de manifestar-se; é que a sensibilidade justificada pelo gozo já adormecendo a razão.

Ella, confiando tudo de Mario, não vendo no seu silencio senão um alheamento, uma tristeza de quem vive

« como vive quem não vive
« com quem deseja viver »

quiz accordai-o d'aquella morbidez, com uma d'essas meiguices de que, ella sabia, elle tão gratamente gostava... Desceu-lhe a mão pela testa, posou-a n'uma das fontes, onde o filete motor do frontal, latejava excessivamente agitado.

— Como tens estas veias sahidas! extranhou.
— É um musculo, indicador de attenção fixa; respondeu; e, interessando-se muito, explicou o caso physiologicamente.

Esta *martyrsinha* tinha por elle cuidados muito sympathicos; punha-lhe o chapéu na cabeça quando elle sahia para a rua; fazia-lhe o laço no pescoço, com o *cache-nez* que elle usava de seda colonial azul e cinzento; sentia-se muito curiosa de tudo que era d'elle: a carteira... os papeis... Se fosse homem — desejava ser assim.

A pequena Carrilho, como lhe chamavam as amigas intimas, vangloriava-se de curvar aquelle indomavel; encostava a sua face fresca e avelludada, como as petalas d'uma roza *Malesherbe*, á d'elle nervosa, masculina, quente; aprazia-lhe confundir, o seu cabelo que tinha a macieza do *pekia*, com o d'elle forte, escuro, muito resistente ao contacto da sua mão curiosa.

(Continua)

Manuel Barradas.



REVISTA POLITICA

Está satisfeita em parte uma das interrogações que se levantava no espirito publico, sobre quan-

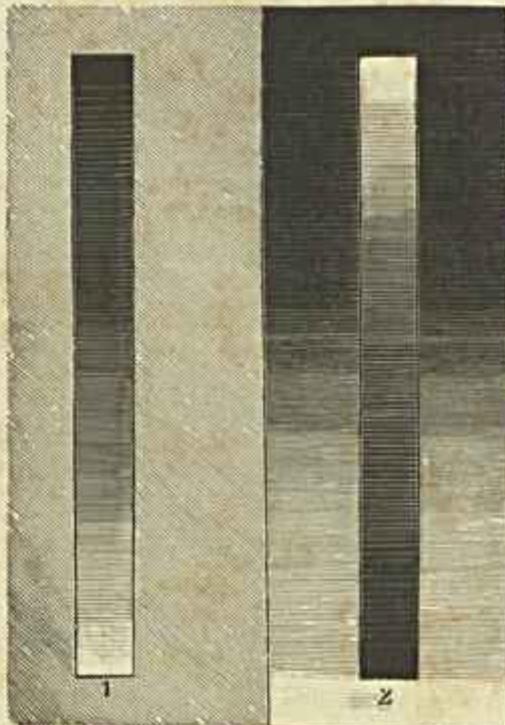
do e como sahiria a expedição militar a Moçambique, interrogação que se não se fazia publicamente, nem por isso deixava de existir no intimo do mesmo espirito publico, nimamente incredulo na sua propria força, effeito natural da desconsoloz em que vive por tanto lhe diserem que não presta para nada.

E só assim se explica o espanto, o assombro que produziu no bom publico, aquelle punhado de homens que, no cumprimento d'um dever, se foram a defender terras que os portuguezes d'outras épocas, por simples espirito d'aventura se foram a descobrir, atravez dos maiores perigos, principiando pelas frageis caravellas em que se transportavam.

Como os tempos vão mudados e como esta pobre humanidade vae estando cada vez mais fraca.

E entretanto o que se fez agora com o espanto e admiración das gentes, já se devia ter feito ha muito, pelo menos logo em seguida á conferencia de Berlim, que afinal cremos não se ter reunido para outra cousa mais, que dar o livre direito de cada qual se apossar em Africa do que não tivesse outro dono além do africano.

Ora Portugal que se considerava dono da maior parte da Africa pelos seus direitos de descoberta, direitos que as potencias se não mostravam dispostas a respeitar, deixou-se ficar na doce tranquillidade d'um bemaventurado, em vez de tratar de occupar militarmente os territorios que lhe con-



ILLUSÃO OPTICA

vinham e até onde as suas forças chegassem, — primeiro passo para a garantia da propriedade — e estabelecer uma forte corrente de emigração que fosse desenvolver e dar força à mesma propriedade.

Se assim se tivesse procedido immediatamente, não se teria dado folgo a outros occuparem o nosso logar, — para maior irrisão com a nossa ajuda — e não nos veriamos hoje a braços com essa grave questão tão dolorosa para o nosso org. lho nacional quanto precaria para a nossa vida económica.

Ahi tem como as coisas mais naturaes d'este mundo podem produzir tamanho espanto. Ahi tem como o paiz que quer ter colonias, que as deve ter, que as precisa ter, não falla em outra cousa ha dois mezes que na expedição que vae partir, que partiu, que juntou aqui, que almoçou acolá, que leva laços azues, que vão de muito boa vontade, pelo seu pé, depois de terem passado as festas do Natal e a dos Reis com as familias, e taes ditos e exclamações, capazes de profanar com o ridiculo a seriedade, a hombridade d'esses portuguezes que partiram no cumprimento d'um dever.

É este o primeiro acto patriótico e pratico que se tem produzido depois do *ultimatum* de 11 de janeiro de 1890; que não seja o ultimo e estará salva a nossa honra, rehabilitado o nosso credito, porque teremos entrado n'uma vida mais salutar e menos enervante, em que nem só um talhersinho á mesa do orçamento seja a suprema aspiração de tantos espiritos doentios.

Calculae bem se essas sommas dispendidas em alimentar esse exaggerado estado maior do funcionalismo official com todas as commissões imaginaveis criadas por outros tantos ministerios que Deus haja, se empregassem em fomentar por todos os modos o desenvolvimento das nossas colonias, digam nos se os nossos dominios em Africa seriam apenas *in nomine* e se outras nações veriam apenas n'el-les outros tantos paizes abandonados.

Como não offereceriam essas colonias vasto campo para o desenvolvimento da nossa actividade e riqueza.

Como esse funcionalismo acumulado nas nossas secretarias, não poderia prestar bons serviços na administração d'essas colonias, onde há comarcas maiores que Portugal com funcionarios que acumulam os mais extranhos officios e isto onde os ha.

Como a boa administração d'essas colonias seria a principal garantia para a emigração e colonisação das mesmas.

E como tudo isto não seria mais pratico e util do que essas miseraveis questões de politica de campanario com que se tem desacreditado as instituições, desmoralisado a sociedade portugueza, reduzindo-a ás tristes condições de não acreditar em si propria.

Alguem poderá negar estas verdades? Não teremos sofrido ainda o bastante para que não nos convensamos de quanto errados temos andado.

Porque emitamos aqui tudo quanto vêmos lá por fóra, porque não imitamos a administração com que os povos mais adiantados se governam?

Nós que temos tantos bens que elles nos cubicam, porque os não aproveitamos, em vez de os pômos em risco de os perder?

Acordemos por uma vez, esfreguemos bem os olhos e libertem'o-nos d'este torpor que nos enerva e já não será caso novo o destacar forças militares para as possessões um paiz que as tem ha quatro seculos.

João Verdades.



PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Finis Patriae. — Poemeto de guerra Junqueiro: dedicado á Mecidade das escolas, começa o poeta:

Na escuridão, ouvi! ha sombras a fallar:
É negra a terra, e negra a noite, é negro o luar.

E fallam nos onze *Cantos as Choupanas de camponezes, possilgas de operarios, casebres de pescadores, os hospitaes, as escolas em ruinas, as cadeias, condemnados, as fortalezas desmanteladas, os monumentos arrasadas, estatuas de heroes, uma voz na treva.*

Depois segue-se, a poesia especialmente dedicada *A mocidade das escolas*, o conhecido *Caçador Simão*, e um fragmento do *Portugal no Calvario* sob o titulo de *A Inglaterra* em bellos alexandrinos que salvam perfeitamente a crueza do canto VIII. no ultimo verso.

Finis Patriae é, como todas as produções de Guerra Junqueiro, uma nova prova do seu robusto talento accentuando mais do que nunca a sua ultima preocupação — a finilidade.

É livro para fazer epocha pelo momento em que vem e pelo alvo que visa.

Agradecemos ao notavel poeta a delicadeza em affertar-nos o seu bello livro.



ALMANACH ILLUSTRADO

DO

OCCIDENTE

Para 1891

10.^o ANNO DE PUBLICAÇÃO

Saiu a publico este almanach.

Recebem-se encomendas na

EMPRESA DO OCCIDENTE

LARGO DO POÇO NOVO — LISBOA.

Preço 200 réis — Pelo Correio 220 réis.

Adolpho, Modesto & C.^a — Impressores
Rua Nova do Loureiro 25 n. 12